

economia

Economista destaca avanço do mercado brasileiro

/ MERCADO FINANCEIRO

Gabriel Margonar

gabrielm@jcrs.com.br

Com mais de três décadas de atuação no mercado financeiro internacional, o economista Álvaro Catão está de volta ao Brasil para integrar a Ável e reforçar a atuação da companhia no segmento private. Com passagens por instituições como J.P. Morgan Private Bank, UBS, StoneX e Safra National Bank, o executivo construiu a carreira entre Miami, Nova York e Bahamas, atendendo clientes de alta e ultra alta renda.

Nesta entrevista ao **Jornal do Comércio**, Catão avalia que o mercado financeiro brasileiro passou por uma profunda transformação desde o Plano Real, tornando-se um dos mais sofisticados da América Latina. Para o executivo, o investidor brasileiro evoluiu significativamente nas últimas décadas, ganhou acesso a produtos comparáveis aos dos mercados desenvolvidos e passou a ter uma visão mais global, embora ainda mantenha forte concentração do patrimônio em ativos domésticos.

Apesar dos avanços, ele alerta que o elevado patamar dos juros reais continua sendo o principal entrave para investimentos produtivos no País.

Jornal do Comércio - Como você enxerga a evolução do mercado financeiro brasileiro depois de mais de três décadas atuando nos Estados Unidos? O que mudou nesse período?

Álvaro Catão - Para quem viveu a inflação de 50%, 80% ao mês, o grande divisor de águas foi o Plano Real. Antes, quem recebia salário corria para o supermercado porque os preços eram remarcados diariamente. Hoje isso parece inconcebível. O Brasil organizou sua economia e passou a ter um mercado muito mais sofisticado. O investidor brasileiro também evoluiu bastante. Comparando com outros países da América Latina, ele mantém uma parcela maior

do patrimônio investida no mercado doméstico, embora também invista no exterior. Outra mudança importante é que o mundo ficou menor. Quando comecei a atender brasileiros fora do País, precisava explicar conceitos básicos, como curva de juros. Hoje essas informações circulam instantaneamente e fazem parte do cotidiano do mercado. O investidor brasileiro ficou muito mais sofisticado.

JC - O mercado de capitais brasileiro também mudou bastante nesse período. A B3 se consolidou e novos produtos vêm sendo lançados, inclusive ligados a criptomoedas. O que ainda há espaço para evoluir?

Catão - A criatividade do mercado financeiro não tem limite. Sempre surgirão novos produtos. Hoje vemos, por exemplo, uma aproximação entre investimentos e apostas, algo que vem sendo muito discutido nos Estados Unidos. Também surgem novos instrumentos, como os futuros perpétuos, além do próprio mercado de criptoativos. Independentemente das discussões sobre a justificativa econômica das criptomoedas, elas vieram para ficar. O Brasil tem uma enorme capacidade de absorver e adaptar essas inovações. Além disso, já possui um mercado extremamente sofisticado, com derivativos, mercado futuro, securitização, fundos imobiliários e diversos outros instrumentos. Não vejo nenhuma grande lacuna estrutural em relação aos mercados mais desenvolvidos.



O investidor brasileiro de alta renda normalmente mantém uma parcela relevante do patrimônio no Brasil e outra no exterior

JC - Em que aspectos o investidor brasileiro de alta renda ainda está atrás do norte-americano? E no que já está próximo?

Catão - Na verdade, o investidor americano costuma ser muito mais concentrado nos próprios Estados Unidos do que o brasileiro imagina. Ele investe pouco fora do país. Já o investidor brasileiro de alta renda normalmente mantém uma parcela relevante do patrimônio no Brasil e outra no exterior, tendo uma visão mais global. Por outro lado, o brasileiro continua muito exposto ao mercado doméstico e tem forte preferência por ativos brasileiros.

JC - O mercado financeiro brasileiro hoje já oferece produtos comparáveis aos dos Estados Unidos?

Catão - Sim. O mercado brasileiro é altamente sofisticado. No passado, para enviar recursos ao exterior era preciso solicitar autorização ao Banco Central. Hoje tudo pode ser feito pelo celular. Além disso, o investidor brasileiro tem acesso a ETFs internacionais, BDRs, fundos globais e pode investir praticamente onde quiser. Não existe nenhuma limitação relevante.

JC - Depois de passar por crises como a de 2008 e a pandemia, quais aprendizados o senhor traz para os investidores brasileiros?

Catão - Crises não foram abolidas. Elas voltarão a acontecer. Ao longo da carreira vivi diversas delas, desde o crash de 1987 até 2008 e a pandemia. O principal aprendizado é não tentar enfrentar o mercado acreditando que todos estão errados. Também acredito profundamente na diversificação. A melhor forma de investir é manter uma carteira equilibrada entre diferentes classes de ativos. A diversificação não elimina o risco, mas reduz bastante sua exposição. Hoje, minha maior preocupação econômica é a situação fiscal brasileira: o Brasil continua com a maior taxa de juros real do mundo, e isso dificulta investimentos produtivos porque aplicações de



Catão avalia que o mercado financeiro do País é altamente sofisticado



No Brasil, uma carteira considerada moderada costuma ter aproximadamente 20% em renda variável e 80% em renda fixa

americano costuma exigir justificativas muito claras para investir em ativos estrangeiros. Na prática, ambos os comportamentos se justificam.

JC - Como o mercado de capitais brasileiro é visto por investidores e instituições financeiras do exterior?

Catão - O Brasil é visto com respeito. É o maior mercado da América Latina, tanto em população quanto em economia, e possui enorme potencial de crescimento. Naturalmente, o cenário internacional muda constantemente e hoje há preocupações geopolíticas muito maiores do que o Brasil. Mas, quando o mercado brasileiro entra no radar, ele é tratado como um mercado relevante e respeitado.

JC - O que mais atrai o investidor estrangeiro para o Brasil?

Catão - Principalmente a rentabilidade. Os juros elevados tornam o Brasil muito atrativo para operações financeiras, especialmente para investidores que fazem hedge cambial. Esse diferencial de juros explica parte da entrada de capital estrangeiro no país. Ao mesmo tempo, é justamente esse juro elevado que acaba distorcendo os investimentos na economia real.

Quase 400 economistas e pesquisadores pedem ação imediata sobre Inteligência Artificial

/ INOVAÇÃO

Quase 400 economistas, pesquisadores de inteligência artificial (IA) e executivos de tecnologia divulgaram ontem um manifesto defendendo ação imediata de governos, empresas e formuladores

de políticas para enfrentar os impactos econômicos da IA. O documento, organizado pelo Stanford Digital Economy Lab, reúne cerca de 380 signatários, incluindo vencedores do Prêmio Nobel, e afirma que a tecnologia poderá provocar, na próxima década, uma transfor-

mação econômica maior do que a Revolução Industrial, mas em um período muito mais curto.

O texto, intitulado *We Must Act Now*, "Precisamos Agir Agora", alerta que a IA "pode se tornar radicalmente mais poderosa nos próximos dez anos", impul-

sionando ganhos significativos de produtividade e de padrão de vida, mas também riscos como o deslocamento em larga escala de trabalhadores.

Os signatários defendem que economistas, formuladores de políticas públicas e líderes do setor

de tecnologia "ajam agora" para compreender os efeitos econômicos da IA e criar incentivos, salvaguardas e instituições capazes de direcionar o desenvolvimento da tecnologia de forma complementar ao trabalho humano e benéfica para a sociedade.